



Programa Radiofônico Ecolândia: Jornalismo Ambiental em uma Rádio Comunitária¹

Gabrielli Siqueira DALA VECHIA²
Cristiano Magrini RODRIGUES³
Felipe Viero KOLINSKI MACHADO³
Guilherme GEHRES³
Janaína OLIVEIRA³
Juliana GELATTI³
Luciana Reginalda da ROSA³
Luiz Henrique COLETTI³
Maíra BERTOLDO³
Michelle FALCÃO³
Márcia Franz AMARAL⁴

Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS

RESUMO

Em vista do que vem sendo discutido no campo da comunicação, sobretudo no que tange a abordagens jornalísticas de pautas ambientais e à evolução do agora chamado jornalismo popular, o radiojornal Ecolândia configura-se como a proposta de convergir tais áreas em um programa semanal, veiculado pela Rádio Comunitária Carai FM. Suas metas são de levar informação contextualizada sobre a temática a que se propõe, mantendo o foco no local, ao mesmo tempo em que busca se inserir na comunidade, tendo-a como fonte e como receptora, quebrando o fluxo unidirecional da comunicação e aproximando-se dos preceitos da extensão universitária.

PALAVRAS-CHAVE: Radiojornalismo; Jornalismo Ambiental e Popular; Comunicação Comunitária.

INTRODUÇÃO

“Ecolândia: o mundo onde a gente vive” é um programa radiofônico semanal, transmitido ao vivo pela rádio comunitária Carai FM, localizada na região sul da cidade de Santa Maria, Rio Grande do Sul. Tendo duração de uma hora e sendo pautado por temáticas ligadas ao meio ambiente e à qualidade de vida, tal radiojornal é um dos projetos de

¹ Trabalho submetido ao XVI Prêmio Expocom 2009, na Categoria Jornalismo, modalidade Radiojornal.

² Aluno líder do grupo e estudante do quinto semestre do Curso de Comunicação Social- Habilitação Jornalismo na UFSM e-mail: gabi_dala@hotmail.com

³ Atuais integrantes do Ecolândia e estudantes do Curso de Comunicação Social na UFSM.

⁴ Orientador do Trabalho, Professora do Curso de Comunicação Social na UFSM e-mail: marciafranz.amaral@gmail.com



extensão do Programa de Educação Tutorial (PET) do curso de Comunicação Social da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

O embrião do programa Ecolândia foi a criação de um Núcleo de Educação Ambiental, no ano de 2006, ocorrida a partir de contatos feitos com representantes da sociedade civil organizada na zona sul da cidade, onde abrange e se localiza a rádio, que na época, era a única rádio de franquia comunitária legalizada na cidade, o que adianta sua legitimidade frente aos moradores. O nome *Ecolândia* surgiu entre a união da palavra Ecologia com o sufixo “lândia”, que é utilizado para designar “terra, país ou região”. Também alude ao bairro onde está fixada a rádio bem como a maior parte de sua audiência: Urlândia. Acoplado à denominação, o *slogan* “o mundo onde a gente vive” tem a pretensão de aproximar produtores e comunidade, já que o programa transcende semanalmente os muros da Academia para fazer-se em meio a seu público alvo.

Dessa forma, o que se propõe é o desafio vanguardista de unir harmonicamente os conceitos de jornalismo ambiental, jornalismo científico e jornalismo popular em um radiojornal veiculado por uma rádio comunitária, sob os preceitos da prática extensionista, buscando o embasamento teórico de cada sub-campo para pensar técnica.

OBJETIVO

O Ecolândia, enquanto programa radiofônico semanal, tem por objetivo central transmitir informações que estejam relacionadas ao meio ambiente e à qualidade de vida para a população da região sul da cidade de Santa Maria. Assim sendo, a equipe de produção visa à veiculação de um produto midiático que seja pautado por assuntos que sejam relevantes à audiência em questão, valendo-se, para alcançar essa meta, da aplicação de teorias ligadas ao jornalismo popular e comunitário.

Enquanto projeto de extensão, o programa propõe-se a aplicar os conhecimentos adquiridos na universidade para além de seu campus, atingindo uma esfera específica da população, permitindo, portanto, que os acadêmicos envolvidos aprendam cada vez mais, pela constante troca de conhecimentos entre a academia e a comunidade e pela rotina de produção, que é semanal.

JUSTIFICATIVA



Durante as últimas duas décadas, houve um acréscimo na produção científica mundial alertando sobre os riscos ambientais pelos quais o planeta tem passado em função de práticas não ecológicas. Paralelamente a isso, torna-se cada vez mais frequente a tese de que a preocupação concernente ao meio ambiente não é prerrogativa apenas dos Poderes Públicos e das grandes empresas, mas um estilo de vida e uma postura desejável de todo cidadão e, por conseqüência, de todas as comunidades ou grupos organizados.

Em se tratando de radiojornalismo comercial, ou mesmo se tal análise for estendida a todo campo jornalístico, é facilmente identificável a defasagem da pauta ambiental, tornando-a um conjunto de textos ora apocalípticos, ora recheados de expressões científicas ininteligíveis aos leitores e sempre distantes do fator local. O *Ecolândia*, visto sob este viés, imputou-se a tarefa de suprir esta lacuna, servindo como um elo entre os assuntos ambientais e a comunidade, optando, para isso, fazer-se e divulgar-se em meio a seus ouvintes, na rádio comunitária. Em meio a este aspecto, é essencial suscitar que existe a preocupação para que o relacionamento com o público alvo não seja em um formato linear de comunicação, mas que aconteça no mesmo patamar, tratando-o não como mero receptor do que é produzido, mas também como fonte, porta-voz do seu próprio conhecimento, esquivando-se do que Bueno denomina como o vício da *lattelização das fontes*, ou seja

O Jornalismo Ambiental tem priorizado (ou, o que é mais dramático, se reduzido) fontes que dispõem de currículo acadêmico, produtores de conhecimento especializado e que, muitas vezes têm, por viés do olhar ou em muitos casos por má índole. (BUENO, 2007, p. 37)

Partindo destes pressupostos, o *Ecolândia* justifica-se por apresentar um projeto que se norteia pelos preceitos da comunicação horizontal, da figura do produtor-receptor e da importância de tratar de questões ambientais e, a partir disso, monta uma proposta de levar informação segmentada de qualidade e construir o conhecimento junto a comunidades que costumeiramente estão à margem desses processos.

MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

O programa *Ecolândia* fundamenta-se em diferentes bases do conhecimento. Ao mesmo tempo em que alia radiojornalismo, temáticas ambientais e extensão universitária, é veiculado em uma rádio comunitária – o que por si só requer uma linguagem diferenciada. Devido a isso, faz-se necessário aos componentes do projeto ter sempre em mente alguns

conceitos básicos para guiar a produção semanal de notícias, reportagens e entrevistas sobre o meio ambiente e qualidade de vida.

O radiojornalismo tem como função aproximar o ouvinte da notícia e, para conseguir isso, é preciso utilizar uma fala clara, objetiva e coloquial. Uma característica das rádios comunitárias é permitir, com maior facilidade, que o emissor fale para a sua audiência como se falasse para cada ouvinte em particular. Essa característica se torna mais forte quando o locutor não está falando apenas do mundo do ouvinte, como também participa dele. O *Ecolândia* tenta aproximar a população do espaço onde ela vive, colocando em prática a teoria citada anteriormente de preservar uma identidade local. O slogan “O mundo onde a gente vive” é o maior exemplo da atual proposta do programa. O programa, além de incorporar características do radiojornalismo e da comunicação comunitária, só possui o perfil atual devido à junção com outras dimensões – a extensão universitária é uma delas. Do excerto a seguir, compreende-se um conceito de extensão:

Processo educativo, cultural e científico que articula o Ensino e a Pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre a universidade e a sociedade (...) Além de instrumentalizadora deste processo dialético de teoria/prática, a extensão é um trabalho interdisciplinar que favorece a visão integrada do social. (FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS, 1990, p. 52).

Fazer radiojornalismo tratando de meio ambiente não é tarefa simples. Muitas vezes é necessário “traduzir” termos científicos, explicar detalhadamente os fenômenos ambientais sob outra perspectiva, etc. É por causa dessas dificuldades que os conceitos relacionados ao jornalismo ambiental são tão importantes para os realizadores do *Ecolândia*. Então, quando se pretende falar do ambiente, Wilson Bueno esclarece que a pauta “não se limita apenas ao chamado meio físico ou biológico (solo, clima, ar, flora, fauna, recursos hídricos, energia, nutrientes, etc.), mas inclui as interações sociais, a cultura e as expressões/manifestações que garantem a sobrevivência da natureza humana” (BUENO, 2007, p. 35). Daí a abordagem relativa a questões de saúde e qual idade de vida, como poluição, lixo, água e doenças desenvolvidas no referido radiojornal. O autor também destaca as funções do jornalismo ambiental: informativa, pedagógica, explicando causas e soluções, e política, no sentido de mobilizar os ouvintes para que tentem agir na sua realidade e para que vigiem os responsáveis pelas questões ambientais.

Semanalmente, o *Ecolândia* procura exercer essas funções, sempre tendo em vista a produção de um programa passível de compreensão, que atinja os ouvintes de toda e



qualquer classe, idade ou nível cultural, que fale de temas sérios, mas que seja, ao mesmo tempo, popular. Sempre considerando a seguinte lógica:

Fazer jornalismo popular exige vigilância por parte do profissional que deve pensar sempre em para quem está escrevendo. Não para noticiar apenas o que aparentemente interessa ao leitor, mas sobretudo para ser simples, didático e utilizar uma linguagem próxima à da população. (AMARAL, 2006, p. 109)

DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

Atualmente o programa possui sessenta minutos de duração e divide-se em diferentes quadros, que são previamente gravados pela equipe de produção, e locuções que são feitas ao vivo, por membros da equipe, no estúdio da Rádio Comunitária Caraí FM. Em relação aos quadros, a entrevista, a reportagem e o “Microfone Aberto” possuem, como assunto comum o tema da semana, que levanta questões ligadas ao meio ambiente e à qualidade de vida. A entrevista e a reportagem, de um modo geral, objetivam abordar o assunto de modo que esse fique claro para o ouvinte. Valem-se, para isso, de diferentes fontes, visando a uma comunicação que seja plural, e de uma linguagem simples, para que a mensagem transmitida ao público chegue a esse de maneira clara. O “Microfone Aberto” pode ser definido como o quadro onde a participação do público se faz mais presente. Dias antes da veiculação de cada programa, a equipe de produção conversa com alguns moradores da região sobre o assunto da semana, levantando diferentes pontos sobre esse e, inclusive, auxiliando na construção das pautas, e mesmo na escolha das fontes, das entrevistas e reportagens.

Além desses quadros, o Ecolândia é composto por notícias, que tem por objetivo informar ao ouvinte sobre os últimos acontecimentos da região; Variedades, que consistem em informações mais leves e diversificadas, como curiosidades; Dicas culturais, abordando diferentes eventos, tais como peças de teatro e concertos musicais, que sejam acessíveis ao público, tanto em relação à distância, quanto em relação aos encargos financeiros. O “Que bicho é esse?” consiste em um quadro interativo em que o som emitido por determinado animal da região é veiculado e, após cada veiculação, questiona-se ao público qual animal é o emissor do som. O telefone da rádio é disponibilizado e o nome dos ouvintes que participaram é anunciado ao final de cada programa.



Existem, ainda, os quadros “Biologia em Comunidade”, fruto de uma parceria com os acadêmicos do PET Biologia, da UFSM, e que consiste em uma abordagem especializada na área ambiental, e “Cidade onde a gente vive” que, interagindo com o slogan do programa, objetiva discorrer sobre a história da cidade de Santa Maria, por meio monumentos, prédios históricos e lugares importantes do município.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Ecolândia está no ar há cerca de três anos e, desde então, ele mudou muito. O que era para ser um Núcleo de Educação Ambiental, transformou-se em um programa radiofônico semanal. Os quadros evoluíram do mesmo modo. Uns tiveram seu formato modificado e outros foram substituídos. Novas parcerias foram feitas, com o PET Biologia, por exemplo, e buscou-se, cada vez mais, aproximar-se da comunidade. Do mesmo modo, a equipe cresceu muito através desse projeto, tanto em relação à prática do jornalismo, quanto em relação ao exercício da cidadania.

O programa baseia-se no tripé do ensino, da pesquisa e da extensão, baluarte do ensino superior e, certamente, fundamental para o processo de ensino e aprendizagem. Além disso, a sua prática permite que os moradores da região tenham acesso a um produto que é veiculado para eles, e que também é gerado com a participação deles, alcançando um de nossos ideais, que seria o estabelecimento de um processo de comunicação onde a audiência fosse mais ativa.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMARAL, Márcia Franz. **Jornalismo popular**. Contexto: São Paulo, 2006.
- BUENO, Wilson. Jornalismo ambiental: explorando além do conceito. In: **Desenvolvimento e meio ambiente**, UFPR, n.15, p. 33-44, jan/jun 2007.
- FERRARETTO, Luiz. **Rádio: o veículo, a história e técnica**. Porto Alegre: Sagra/Luzzatto, 2000.
- FREIRE, PAULO. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- HENRIQUES, Márcio Simeone (org). **Comunicação e estratégias de mobilização social**. Belo Horizonte: Dom Bosco, 2002.
- MEDITSH, Eduardo. **O rádio na era da informação**. Florianópolis: Insular, 2001.
- SANTANA, Ubirajara Oliveira. **Radiojornalismo Comunitário – Informação e Cidadania na Baixada Fluminense**, 2006, p. 6-7.
- FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS. Disponível em: <<http://www.renex.org.br/documentos>>. Acesso em março de 2009.
- CARTILHA “Se liga Brasil. Rádio Comunitária é legal”. Ministério das Comunicações, 1998.